

Produção artística em diálogos com a biodiversidade do cerrado mineiro

Artistic production in dialogue with Minas Gerais Savanna's biodiversity

MARIA CAROLINA ALVES

Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia – MG, Brasil

SARAH DE ASSIS ANDRADE

Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia – MG, Brasil

FABIANA CARDOSO URZETTA

Prefeitura Municipal de Uberlândia, Uberlândia – MG, Brasil

JENYFFER STEFANY PEREIRA MARTINS

Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia – MG, Brasil

DANIELA FRANCO CARVALHO

Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia – MG, Brasil

RESUMO

Diálogos entre a produção artística e a biodiversidade do cerrado mineiro são enfatizados na conexão entre arte, ciência e biologia e promovem questionamentos acerca das mudanças climáticas e do acontecimento da vida humana e não humana em fluxo e alteridades significativas. Práticas artísticas e científicas realizadas em colaboração são alargadas pelos estudos da natureza e pela força de criação de biólogo em intersecção com perspectivas multiespécies nessa pesquisa narrativa em imersão com a vida, orientada por Coccia, Haraway, entre outros(as), apresentamos biodiversidades em um desenho com colagem digital e narrativas.

PALAVRAS-CHAVE

Narrativa, desenho, arte-ciência

ABSTRACT

Dialogues between artistic production and the Minas Gerais Savanna's biodiversity are emphasized in the connection between art, science and biology and promote questions about climate change and the happening of human and non-human life in flux and significant alterities. Artistic and scientific practices carried out in collaboration are broadened by nature studies and the creative force of a biologist in intersection with multi-species perspectives in this narrative research in immersion with life, guided by Coccia, Haraway, among others.as, we present biodiversities in a drawing with digital collage and narratives.

KEYWORDS

Narrative, drawing, art-science

"Eu sou uma criatura da lama, não do céu. Sou uma bióloga que sempre achou edificantes as incríveis habilidades do lodo em manter as coisas em contato e lubrificar passagens para os seres vivos e suas partes"
(Donna Haraway, 2022)

1. Apresentação

Em vias de perceber e fazer outras relações com a arte, a ciência e o ambiente nos aliamos à natureza enquanto fonte inesgotável de reflexão e de imersão com a vida para com o ato criativo artístico e científico comprometido com o questionamento do excepcionalismo humano e da uniformidade do antropoceno. Assumirmo-nos participantes afetados pelo meio em que vivemos institui possibilidades de contribuição da arte para promoção de consciência ambiental entre conexões arte-ciência-natureza em tempos de mudanças climáticas.

Por meio de associações colaborativas em vias de rompimento das dicotomias contrastantes do mundo contemporâneo estabelecemos o exercício de refletir e reconhecer, através de ações de um grupo de pesquisa e atividades artísticas por ele promovidas, as obras de arte contemporânea como promotoras de questionamentos no cerrado brasileiro e na compreensão alteritária para com natureza e cultura, arte e ciência e biologia e vida.

O cerrado brasileiro é o segundo maior bioma do país, sendo distribuído principalmente nas regiões Centro Oeste e Sudeste. Possui uma vegetação complexa, constituída por formações savânicas, florestais e campestres. De acordo com Ribeiro e Walter (1998), a fitofisionomia¹ desse bioma está relacionada com o clima, considerado tropical chuvoso pela classificação climática de Köppen, e é relacionada também às queimadas. Os incêndios florestais, que nos últimos anos são agravados pelas práticas agropecuárias na região, provocam alterações na composição do ecossistema, resultando na redução da biodiversidade e exacerbando os períodos de seca (Arruda *et al.*, 2024).

Segundo Arruda e colaboradores (2024), a variabilidade interanual de chuvas e a intensificação da seca, agravada pelas mudanças climáticas aumentam a vulnerabilidade do cerrado aos incêndios. Em 2024, esse bioma enfrenta uma seca severa, e a continuidade do uso do fogo de forma indevida agrava a crise ambiental, no mês de setembro de 2024 foi registrado um aumento de 158% na área queimada em comparação com o mesmo mês do ano anterior. Além do aumento expressivo registrado em setembro de 2024, os dados acumulados de janeiro a setembro também indicam uma tendência preocupante de expansão das áreas queimadas no bioma.

¹ Fitofisionomia é a expressão visual da vegetação típica de um determinado ambiente.

O Cerrado abriga riqueza de espécies com alto grau de endemismo e com risco de extinção, por isso é considerado a savana mais rica do planeta, ocupando cerca de 23,9% do território brasileiro. Contudo, 55% dessa área original foi desmatada, fragmentada ou transformada pela ação humana, o que se intensificou a partir dos anos setenta do século XX com o avanço da atividade agrícola (Batista e colaboradores, 2024, p. 53).

Frente a esse bioma degradado e explorado pelas atividades mercadológicas marcadas pela monocultura e pouco preocupadas com a variabilidade biológica, nos aliarmos às múltiplas autorias que estabelecem percepções multiespécies e associações entre humanos e não humanos na convivência do antropoceno. Por isso, para articular a produção artística em diálogos com a natureza e a biodiversidade do cerrado mineiro a partir da relação de criação cientista-artista em conexões arte e biologia nos associamos à filósofos(as) e antropólogos(as) como Anna Tsing (2022), Donna Haraway (2021, 2022), Bruno Latour (2020), Emanuele Coccia (2018), Ailton Krenak (2019) e Stefano Mancuso (2019) que contribuem para a reflexão sobre o antropoceno e o contemporâneo.

O pensamento colaborativo e a associação multiespécies no curso da experiência de estar no mundo em imersão juntamente da natureza, está, necessariamente, indissociável da cultura na temporalidade humana na Terra e na biodiversidade constituinte do ambiente, cuja compreensão alargada dos estudos da vida e da natureza atuam na produção artística e científica, em vias de questionamentos acerca das mudanças climáticas e do acontecimento da vida biológica humana e não-humana frente aos princípios de extração, produção e comércio que marcam o antropoceno.

Há inúmeras publicações que buscam argumentar sobre a arte no contexto da conscientização da problemática ambiental (Bianchi, 2009; Rizzi e Anjos, 2010; Rocha, 2022; Matias, 2023; Siqueira e Santos Filho, 2023; Guerra, 2024) e que nos convocam a refletir sobre a natureza em atos de criação artística interpelado pela força criativa de biólogos(as) e por conexões entre arte, ciência e natureza. E nos provocam sobre quais perspectivas de produções artísticas e científicas podemos elaborar tendo a biodiversidade do cerrado mineiro como protagonista em tempos de mudanças climáticas. Essas são algumas provocações que orientam a compreensão e a atividade estética e cognoscente aqui apresentadas de modo a objetivar a proposição

de diálogos entre arte, ciência e natureza presentes nas relações de criação artística e investigação científica a fim de articular colaborações e conexões transdisciplinares geradoras de novos pensamentos e percepções de viver no mundo, disparadas pelo contexto das mudanças climáticas e das práticas de uso do ambiente.

Por meio da metodologia da pesquisa narrativa (Clandinin; Connelly, 2011) sob a perspectiva da imersão do filósofo italiano Emanuele Coccia (2018) elaboramos, a partir de uma narrativa visual autoral, diálogos com a biodiversidade do cerrado mineiro, que, por sua vez, é campo da experiência. Enquanto biólogas atuantes na pesquisa em educação em interface com a arte contemporânea na construção de questionamentos acerca da natureza e da vida no antropoceno, temos entendido a força criativa ampliada por interações entre humanos e não-humanos e pelos conhecimentos específicos dos estudos da vida. Desse modo, as articulações de diferentes áreas do conhecimento em conexões da arte com a biologia contribuem para criações artísticas e científicas originais que instigam novos pensamentos, percepções e soluções colaborativas frente às mudanças climáticas e aos eventos extremos que têm ocorrido recentemente nesse bioma.

2. Narrativas visuais em imersão com a vida

O movimento dialógico entre arte e ciência/biologia vem sendo cada vez mais explorado tanto no âmbito da educação quanto no âmbito das artes. Nessa perspectiva, temos nos constituído como grupo de pesquisa² que busca o desenvolvimento de estratégias formativas plurais, que envolvem diferentes áreas do saber e atores sociais, por meio do diálogo entre as ciências e as obras de arte contemporânea, uma vez que há novos elementos no fazer artístico que se articulam ao fazer científico.

Visando aproximações entre produções artísticas contemporâneas, especialmente nas artes visuais, com o campo da experiência, o principal foco de nossas ações é a proposição de diálogos com professores e estudantes da educação

² Amplia: amalgama em educação, ciência e arte é um grupo de pesquisa no âmbito da pós-graduação cadastrado no diretório do CNPq e dedicado ao campo da Educação e à promoção da arte como base de argumentação e construção de conhecimento. Vinculado ao projeto de pesquisa *Conexões arte-ciência no museu e na escola* financiado pela FAPEMIG — APQ-03811-22 (2023-2025). Acesse o site <http://amplianarede.com.br> e saiba mais.

básica e a construção de conhecimentos propulsores de pesquisas. Temos discutido as conexões entre a arte e a ciência, e como a criação dialógica é potente na interface com a educação, pois tem sido cada vez mais frequente associações entre artistas e cientistas para produzir obras as quais imbricam elementos de ambos os campos de conhecimento, biologia e arte.

Por isso reconhecemos que a experiência é fonte de dados para pesquisa. Realizamos investigações no campo da pesquisa narrativa na “tentativa de fazer sentido da vida como vivida” (Clandinin; Connelly, 2011, p. 116). Temos estudado Coccia (2018) - e sua ontologia da fluidez e da mistura - para compreendermos a produção de conhecimentos acerca da força criativa de biólogos(as) com a criação de narrativas visuais e textuais que perpassam por conexões arte-natureza no mundo que é “um enorme campo de acontecimentos de intensidade variável” (Coccia, 2018, p. 36).

Já nos diz Donna Haraway (2021, p. 16) que identificar “ontologias emergentes” é possível apenas em “práticas emergentes” cuja flexibilidade, agências e “estilo de vida não harmônicos” abarcam a radicalidade da diferença, do outro e de um diálogo mais que humana cujo os “autores não são nem todo nem parte” (Coccia, 2018, p. 17) de modo que o percurso da experiência nos leva a “procurar habitar um mundo intersubjetivo, onde um se encontra com o outro” (Haraway, 2021, p. 44) em alteridades significativas.

Nesse sentido, os saberes que temos acumulado sobre essas conexões são base para a proposição de diálogos em praças, parques, escolas, museus de arte contemporânea e na organização de eventos acadêmicos como o “Mudanças Climáticas: arte, museus e educação”. A segunda edição desse evento nos provocou uma produção artística com a qual estabelecemos diálogos e narrativas textuais: a força criativa de uma bióloga-artista entremeada por aportes teóricos que nos auxiliam a pensar e conviver na era do antropoceno, na qual,

aprendemos a reconhecer e que nos leva, pouco a pouco, aquém e além das figurações superficiais, para outra redistribuição das formas dadas aos humanos, aos coletivos, aos não humanos ou às divindades (Latour, 2020, p. 133).

Temos entendido que como biólogas participantes deste grupo de pesquisa, nos permitimos criar e produzir sentidos e experiências a partir das nossas próprias vivências e em interação com as obras de arte, na perspectiva de que “seríamos um

“imenso órgão de sentidos que se confunde com o objeto percebido. Um ouvido que é o som que escuta, um olho que se banha constantemente na luz que lhe dá vida” (Coccia, 2018, p. 37).

Uma composição estética como esta (Figura 1), potente suficiente para porvir argumentações e construção de conhecimento, está atrelada ao sentido de estética de perceber e afetar-se, como uma “capacidade de se tornar sensível que precede qualquer distinção entre os instrumentos da ciência, da política, da arte e da religião” (Latour, 2020, p. 160) e encontrar figuras que “sempre estiveram onde o biológico e o literário ou artístico se reúnem com toda a força da realidade vivida” (Haraway, 2022, p. 7), além fabular tantas outras.

Salientamos ainda, com o pensador indígena Ailton Krenak, que

estes encontros criativos que ainda estamos tendo a oportunidade de manter animem a nossa prática, a nossa ação, e nos dêem coragem para sair de uma atitude de negação da vida para um compromisso com a vida, em qualquer lugar, superando as nossas incapacidades de estender a visão a lugares para além daqueles a que estamos apegados e onde vivemos [...] (Krenak, 2019, p. 35).

Por isso que ações e atividades como as promovidas pelo Amplia: amálgama em educação, ciência e arte são produtentes e promotoras de criatividade em compromisso com o meio, com outros seres vivos, com o vívido em imersão no qual os sujeitos são encorajados a se deparar com uma obra de arte e fruí-la de forma a produzir argumentos e a criar significados a partir do que se experiencia. Promover situações nas quais os sujeitos possam se sentir livres para produzir sentidos em interação com a arte contemporânea, e outros conteúdos e saberes plurais provenientes de experiências singulares, é estar num processo de deslocamento em relação ao objeto com um pensamento participativo, é viver um evento único cuja compreensão do objeto se confunde em relação ao próprio ser, em fluxo.

3. Biodiversidade desenhada

Criar em imersão é dialogar com aquilo que nos envolve em movimento estritamente metamórfico. Delineamos essa narrativa que se amalgama na produção artística de um desenho com colagem digital, por entre falas da artista-bióloga, grafadas em itálico, trechos de pensamento dos teóricos que nos acompanham e produções textuais a partir desse fluxo.

A criação do desenho surgiu a partir do evento “Mudanças Climáticas: arte, museus e educação”. No evento tive contato com obras de arte com destaque na água. Isso me provocou reflexões acerca da importância que a água tem para o fluir da vida. Meus pensamentos eram como encheres sob o cenário de seca no bioma Cerrado (depoimento da artista-bióloga).

[...] não existe mais um ambiente ao qual poderíamos nos adaptar. Uma vez que todos os agentes vivos seguem suas intenções, ao mesmo tempo que modificam ao máximo seus vizinhos, é impossível discernir qual é o ambiente a que o organismo se adapta e qual é o ponto em que sua ação começa (Latour, 2020, p. 115).

Viver esse contemporâneo que nos assombra mediante às mudanças, já em ebullição, climáticas. Um misto de imprevisibilidade com aquilo que já sabemos há muito tempo. Dias de muita seca. Dias de muita chuva. Alagamentos e morte. A água fonte de vida afogando pulmões. Tragédias anunciadas produzidas pelo progresso. Em desenvolvimentos.

Antes, precisamos nos infiltrar, nos envolver em um grande número de voltas, para que, gradualmente, fio por fio, o conhecimento do local onde moramos e os requisitos de nossa condição atmosférica possam ganhar maior relevância e ser sentidos como mais urgentes. Essa operação lenta, que consiste em ser envolvido em circuitos de sensores em forma de ciclos, é o que significa “ser desta Terra” (Latour, 2020, p. 155).

Pensar sobre ser dessa Terra. Isso impulsionou um florir de saberes que ainda estou adquirindo durante minha graduação. Em Setembro, quando o evento ocorreu, eu estava matriculada em aulas de botânica e reconhecia as plantas como protagonistas da vida, uma essência das variações de formas viventes (depoimento da artista-bióloga).

Coccia (2018) articula sobre como o mundo que conhecemos hoje é fruto de criações das plantas, no qual “todo ser é um ser mundano se está imergido no que se imerge nele. A planta é assim o paradigma da imersão” (Coccia, 2018, p. 56).

Mancuso (2019, p. 149) afirma sobre as plantas: “nós, humanos, somos totalmente dependentes delas. A comida e o oxigênio que consumimos são produzidos pelo mundo das plantas. Sem o último, a vida não seria possível”.

Os fungos (junto com as bactérias) produziram o solo no qual as plantas crescem. Eles também digerem madeira. Se não o fizessem, as árvores mortas se acumulariam na floresta para sempre. Os fungos os decompõem em nutrientes que podem ser reciclados e gerar novas vidas. Assim, moldando ambientes para si e para os outros, eles constroem mundos (Tsing, 2022, p. 211).

A partir das apresentações de obras feitas com água, ampliei minha perspectiva. De uma forma fisiológica, podemos dizer que as plantas estão à mercê da água assim como todos seres vivos. Comecei a pensar, então, na água como protagonista do fluir da vida (depoimento da artista-bióloga).

Reconhecer que o mundo é um espaço de imersão significa, ao contrário, reconhecer que não existem fronteiras estáveis ou reais: o mundo é o espaço que nunca se deixa reduzir a uma casa, ao próprio, ao lar, ao imediato. Estar no-mundo significa, pois, exercer influências sobretudo fora do lar, fora de seu próprio habitat, fora de seu próprio nicho. Sempre se habita a totalidade do mundo, que é e sempre será infestada pelos outros (Coccia, 2018, p. 47).

Nessa perspectiva, fotografei por dias tudo que me lembrava água. Assim, separei duas fotos que me chamaram a atenção: um tronco seco e um parasita, cuja transmissão pode ser pela contaminação em rios e fontes de água utilizadas na produção de alimentos. Refleti sobre a seca, sobre as queimadas, sobre o descaso público (depoimento da artista-bióloga).

O ambiente em que vivemos, todo o planeta em certo sentido, é grátil. Como a água ou o ar para David Ricardo em 1817. Nada mudou em dois séculos. Certamente os recursos podem ser consumidos por todos de graça, sem um plano de negócios. O que interessa ao mercado é um sistema que permita aumentar os lucros, e não algo que possibilite às pessoas se alimentar sem esgotar os recursos do planeta (Mancuso, 2019, p.178).

Ao continuarmos assumindo o planeta e todos os seres como mercadoria, como recurso inesgotável à disposição para o consumo, estaremos mergulhados em destruição. Anna Tsing (2022, p. 60-61) afirma que “a industrialização se mostrou uma bolha de promessas, seguida pela destruição de meios de vida e a devastação de paisagem. E, no entanto, esta vitória não é suficiente” e ainda “Imaginar o humano a partir da ascensão do capitalismo nos vincula a ideia de progresso e a difusão de técnicas de alienação que transformam tanto os humanos quanto outros seres em recursos (Tsing, 2022, p. 62).

Conviveremos de mãos dadas com um desenvolvimento desrespeitoso à vida. Isso porque, para Krenak (2019, p. 34) “excluímos da vida, localmente, as formas de organização que não estão integradas ao mundo da mercadoria, pondo em risco todas as outras formas de viver”.

Até quando continuaremos aprisionando nossas compreensões de existência ao humano, ao progresso, ao consumo, ao capitalismo? Tsing (2022, p. 62) argumenta que “estamos presos ao problema do viver apesar da ruína econômica ou ecológica. As fábulas de progresso ou de ruína não nos ensinam como pensar sobre a sobrevivência colaborativa”. Talvez nem estejamos tateando o que pode ser um processo de colaboração entre os diferentes seres ao nos percebermos ainda exploradores de recursos etiquetados com cifrões.

Para sobreviver, nós precisamos de ajuda, e a ajuda é sempre um serviço de outrem, intencional ou não (...) se a sobrevivência sempre envolve alteridade, ela também está necessariamente sujeita à indeterminação das transformações de si e dos outros (Tsing, 2022, p. 75).

Então, fiz uma colagem com as duas fotos e quis elaborar e sobrepor um desenho que, de alguma forma, fosse capaz de expressar tudo que eu estava aprendendo. Queria ser o fluxo da água e conhecer tudo que circunda o que toco. Assim, desenhei um ser que é fluido de saberes que toquei (depóimento da artista-bióloga).



Figura 1. – Sarah de Assis Andrade 2024, Arte digital. Desenho sobre colagem fotográfica. Fonte: Autoral

Estar em imersão é sentir com, junto, sendo...tanto o tronco, como as folhas secas, como o ar, como a água como o parasita. Somos todos nós parasitas e parasitados num enovelamento celular que nos mantém em cooperações?

“Esse antropo – nos impede de dar a devida atenção para as manchas das paisagens, as temporalidades múltiplas e as assembleias instáveis entre humanos e não humanos: a matéria mesma da sobrevivência colaborativa” (Tsing, 2022, p. 63).

Ser árvore. Ser buriti. Barulho do fruto caindo na água do lago da vereda. As ondas na superfície quebram a dormência da semente. Será que enviam recados ultrassônicos por meio de moléculas de hidrogênio aos veados-mateiros, queixadas, catitus, quatis, antas, pacas, macacos e jabutis? Uma anunciação aquática de dispersão de betacaroteno. Pró-vitamina A. Os não comidos ficam ali no solo em processo de putrefação. Percolam um suco nutritivo por entre os grãos da terra argilosa. Alimentam outras vidas. Minhucas, opiliões, borboletas, moscas, vespas, abelhas, besouros, joaninha e pulgões. Misturam-se à seiva bruta de mais de trezentas mil espécies de plantas. Araticum, pequi, bacupari, gueroba, jatobá, aroeira, ipê, mangaba, murici, baru, babaçu, bacuri, cajuzinho-do-cerrado, coquinho-azedo. Estendem-se pelas células filamentosas dos fungos associados às raízes e que crescem no interior dos tecidos vegetais. *Acaulospora scrobiculata*, *Glomus macrocarpum*, *Acaulospora tuberculata*.

Bios em diversidade de fluxo aquático.

Em imersões.

4. Considerações finais

Em tempos de eventos extremos que impactam o cerrado, as interfaces possíveis entre arte e biologia evidenciam reflexões sobre a biodiversidade e as mudanças climáticas a partir da produção artística e da força criativa do ser biólogo. Ser biólogo... ser fluído de saberes ampliados pelas ciências da natureza em relações multiespécies cara a cara no cotidiano da formação, em interesse múltiplos, em possibilidades. Donna Haraway (2021), antropóloga, filósofa e também bióloga nos apresenta que “o relacionamento cara a cara de espécies companheiras torna possível o surgimento de algo novo e arrojado” (Haraway, 2021, p.63) como herança de todas as possibilidade de vida humana, não humana e geológica as quais se conhece e se vive com.

Por isso que a partir do diálogo transdisciplinar entre biologia e práticas artísticas essas interações podem não apenas gerar produções originais, mas

também criar possibilidades para novas formas de perceber e se orientar no mundo, onde humanos e não-humanos estão intrinsecamente conectados, imersos como nos convida Coccia (2018):

A imersão, como vimos, é em primeiro lugar uma ação de compenetração recíproca entre sujeito e ambiente, corpo e espaço, vida e meio; uma impossibilidade de os distinguir física e espacialmente: para que haja imersão, sujeito e ambiente devem se interpenetrar ativamente-, caso contrário, falaríamos simplesmente de justaposição ou de contiguidade entre dois corpos que se tocam em suas extremidades (Coccia, 2018, p.41).

A produção desenvolvida mostra que a natureza, em sua complexidade e potência criativa, emerge como coautora no processo de criação artística e científica, instigando questionamentos e alteridades significativas, em outramento e reelaborações sempre metamórficas, em constante mudança. Por isso é “uma forma de me tornar mais mundana, ou seja, mais atenta às exigências da alteridade significativa em todas as escalas necessárias para a produção de mundos vivíveis” (Haraway, 2021, p. 71).

Na relevância de integrar saberes diversos para estimular produções originais que contribuam para a conscientização e a busca de soluções alteritárias, em inteligência coletiva, que de acordo com Stefano Mancuso (2019, p. 114) é “a capacidade dos grupos de alcançar resultados superiores aos obtidos com decisões individuais, sobretudo na resolução de problemas complexos” como a questão das mudanças climáticas e da ebulação global, articulamos que a imersão criativa na natureza pode ser um caminho transformador para repensar nossa coexistência e responsabilidade ambiental.

Referências

ARRUDA, Vera; ALENCAR, Ane; MOURA, Livia; SCHMIDT, Isabel; RIBEIRO, Fernanda; SHIMBO, Julia Zanin; RIBEIRO, João Paulo; SILVA, Wallace. Fogo no cerrado em 2024: retrato de janeiro a setembro. Nota técnica, IPAM, 15/10/2024. Disponível em: <https://ipam.org.br/bibliotecas/fogo-no-cerrado-em-2024-retrato-de-janeiro-a-setembro/>

BATISTA, Renan César Cruz; SOUZA, Marcos Magalhães de; SILVEIRA JUNIOR, Wanderley Jorge da; RUBIM, Luis Gustavo Talarico; SALVIO, Geraldo Majela Moraes. Avaliação de áreas para criação de unidade de conservação em região de transição de Cerrado e Mata Atlântica, centro sul de Minas Gerais, Brasil. **Biodivers. Bras.**, v. 14, n. 3, p. 51-67, 2024.

BIANCHI, Elisabete. Arte em diálogo com o meio ambiente. **Instrumento** Revista de estudo e pesquisa em educação. v. 11, n. 2, p. 1-12, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/revistainstrumento/article/view/18658>. Acesso em 09 jul. 2025.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. Narrative Inquiry: experience and story in qualitative research. **Translation**: Narrative Inquiry Group and Teacher Education ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011. 250 p.

COCCIA, Emanuele. **A vida das plantas**: uma metafísica da mistura. Trad. Fernando Scheibe. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

GUERRA, Paula. Derivas, resistências, artes no/pelo Antropoceno. **Farol**, [S. l.], v. 20, n. 31, p. 38–43, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/farol/article/view/46852>. Acesso em: 9 jul. 2025.

HARAWAY, Donna. **O manifesto das espécies companheiras**: cachorros, pessoas e alteridade significativa. Traduzido por Pê Moreira. 1º ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HARAWAY, Donna. **Quando as espécies se encontram**. Tradução: Juliana Fausto. 1 ed., São Paulo: Ubu Editora, 2022.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LATOUR, Bruno. **Diante de Gaia**: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno. São Paulo: Ubu; 2020.

MANCUSO, Stefano. **Revolução das plantas**: um novo modelo para o futuro. 1. ed. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

MATIAS, Aline Pereira. As artes visuais e a conscientização ambiental dos estudantes na perspectiva de Vik Muniz. **Revista Primeira Evolução**, São Paulo, Brasil, v. 1, n. 47, p. 31–36, 2023. Disponível em: <https://primeiraevolucao.com.br/index.php/R1E/article/view/506>. Acesso em: 9 jul. 2025.

RIBEIRO, José Felipe; WALTER, Bruno Machado Teles. Fitofisionomias do bioma Cerrado. In: Sano, S.M. and Almeida, S.P. Eds.. Cerrado: Ambiente e Flora, **EMBRAPA-Cerrados**, Planaltina, p. 89-166, 1998.

RIZZI, Maria Christina de Souza Lima; ANJOS, Ana Cristina Chagas dos. Arte-Educação e meio ambiente: apontamentos conceituais a partir de uma experiência de arte-educação e educação ambiental. **ARS**, ano 7, n. 15, p. 26-35, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ars/a/QL9HjqMjNZgxFH3MzG3PYbj/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 9 jul. 2025.

ROCHA, Josefa Eleusa da. Art and the environment: paths that intertwine. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 11, n. 5, p. e21911527898, 2022. Disponível em: <https://rsdjurnal.org/index.php/rsd/article/view/27898>. Acesso em: 9 jul. 2025.

SIQUEIRA, Neila Tanísia Rocha Matias; SANTOS FILHO, Francisco Soares. Arte e meio ambiente: artevismo ou contemplação da natureza, que caminho seguir a partir da BNCC? **Observatório de la economía latinoamericana**, v. 21, n. 11, p. 21958-21980, 2023. Disponível em: <https://ojs.observatoriolatinoamericano.com/ojs/index.php/olel/article/view/1926>. Acesso em: 9 jul. 2025.

TSING, Anna. **O Cogumelo no Fim do Mundo. Sobre Possibilidade de Vida nas Ruínas do Capitalismo**. Tradução Jorge Menna Barreto e Yudi Rafael. São Paulo: n-1 edições, 2022.

Sobre as autoras

Maria Carolina Alves é doutoranda em Educação (PPGED-UFU). Licenciada em Biologia e graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Uberlândia. Bolsista CAPES. Pesquisadora no AMPLIA: amálgama em educação, ciência e arte (UFU). Integrante do UIVO: criação, arte e vida (UFU).
mariaalves@ufu.br
<https://orcid.org/0000-0001-6233-0804>

Sarah de Assis Andrade é graduanda em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Uberlândia. Pesquisadora bolsista pela FAPEMIG no AMPLIA: conexões arte-ciência no museu e na escola (UFU).
sarah.andrde@ufu.br
<https://orcid.org/0009-0006-0320-8618>

Fabiana Cardoso Urzetta é mestre em Educação e licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Uberlândia, professora aposentada e ex-diretora de escola pública de Educação Básica. Pesquisadora bolsista pela FAPEMIG no AMPLIA: conexões arte-ciência no museu e na escola (UFU).
fabianaurzetta@hotmail.com
<https://orcid.org/0009-0001-4075-4064>

Jenyffer Stefany Pereira Martins é licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Uberlândia. Atualmente Técnica do Museu de Biodiversidade do Cerrado. Professora na rede básico do Estado de Minas Gerais.
Jenyffer.martins@ufu.br
<https://orcid.org/0009-0002-0198-6468>

Daniela Franco Carvalho é Licenciada em Ciências Biológicas com Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora no Instituto de Biologia e no Programa Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).
danielafranco@ufu.br
<https://orcid.org/0000-0002-4476-7903>

Como citar

ALVES, Maria Carolina; ANDRADE, Sarah de Assis; URZETTA, Fabiana Cardoso; MARTINS, Jenyffer Stefany Pereira; CARVALHO, Daniela Franco. Produção artística em diálogos com a biodiversidade do cerrado mineiro. Revista Estado da Arte, Uberlândia, v. 6 n. 1, n.p.. 1º Semestre de 2025. Doi. 10.14393/EdA-v6-n1-2025-76196 (**versão ahead of print**).



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.